

**LacanoRio 2017**

**Passagem de *gradus*:  
prática psicanalítica do Movimento Freudiano**

Paulo Fernando Oliveira dos Santos

Pela primeira vez em uma Reunião Lacanoamericana, decidi falar aqui sobre a experiência que se passa na Escola Brasileira de Psicanálise Movimento Freudiano no que tange à passagem de *gradus* na Escola. Meu intuito é abrir discussão para trocar com vocês algumas ideias sobre as experiências nas diferentes Escolas. Afinal, estamos numa situação privilegiada para isso.

Não sei se a questão de *gradus* se coloca para todos vocês. Lacan, na “Proposição de 9 de outubro de 67”, fala em *gradus* no intuito de diferenciar o funcionamento da Escola daquele hierarquizado das instituições vinculadas à International Psychoanalytical Association (*IPA*).

Lacan enumera dois *gradus* para a Escola:

- analista membro da Escola (AME): aquele a quem a Escola reconhece “como psicanalista que comprovou sua capacidade” e
- analista da Escola (AE): “a quem se imputa estar entre os que podem dar testemunho dos problemas cruciais” da psicanálise.

Vale lembrar que Lacan, ao discorrer sobre o *gradus* de analista membro da Escola, cita a posição de analista praticante, aquele que é registrado na Escola, de início, “nas mesmas condições em que nela se inscrevem o médico, o etnólogo”.

A Escola Brasileira de Psicanálise Movimento Freudiano se organiza em quatro *gradus*: cursista, analista praticante, membro analista, analista da Escola. Temos ainda em nosso estatuto a figura do analista correspondente, mas, neste caso, não consideramos tal posição como suportando o funcionamento da Escola.

De acordo com a proposta de Lacan, no Movimento Freudiano o que está basicamente em jogo no que se refere ao *gradus* também não é a organização hierárquica. Tomamos o *gradus* como indicativo de uma determinada posição no que diz respeito à transmissão da psicanálise, função básica de uma Escola. Assim sendo, temos mapeadas quatro posições diferenciadas no que tange à transmissão. Na medida em que se avança na formação, mesmo considerando que trabalhamos com a ideia de formação permanente, o comprometimento com a transmissão vai sendo modificado. Daí o aumento de comprometimento implica numa posição diferenciada da anterior. Na medida em que se caminha numa análise do trabalho de transferência (psicanálise em intenção: o divã) à transferência de trabalho (psicanálise em extensão: a Escola), as posições frente à transmissão vão se modificando.

Se há uma posição anterior e uma posterior, isto pressupõe uma mudança de posição. E esta é a questão: como se dá a passagem de um *gradus* a outro na Escola?

Sustentando o esforço de funcionamento distinto que o da *IPA*, esta mudança não se dá pelo cumprimento burocrático de determinado percurso, ao estilo universitário.

Num esforço a mais pelo funcionamento da Escola, não institucionalizamos o modo pelo qual se faz esta passagem: da mesma maneira que cada análise é uma análise, cada passagem é uma passagem. Retomando Freud que convoca o analista a construir a psicanálise a cada análise conduzida, a Escola repensa a sua prática a cada passagem processada. Nada de “simples hábitos”.

Nossa inspiração tem suas raízes na proposição de Lacan que no último dia nove de outubro fez seus 50 anos: *la passe*. Em nossa paróquia, a do Movimento Freudiano, vertemos *la passe* do francês como *a passe* em português, versão que promove uma marca diferencial do sentido mais usual da palavra *passe* em português (passe como passagem, como palavra-chave, e não como gesto mágico religioso)

Na Proposição de 9 de outubro, Lacan querendo montar uma organização distinta das vigentes à época, propõe *la passe* como dispositivo para pensar na posição do analista. Não há em jogo as garantias *ipeanas*. O analista se autoriza por si mesmo e por seus pares, ou ímpares, como ressalta Americano do Brasil – já que analista é sempre ímpar, não faz par com ninguém.

O dispositivo da *passee* operaria a passagem para a posição de Analista da Escola, AE, posição caracterizada como a daquele que ocupa o lugar de analista e se ocupa de questões cruciais da psicanálise, como já dito acima.

Grosso modo, o dispositivo constrói-se através dos lugares de passante, passadores e júri – passante como o candidato, passadores como analistas que vão escutar o candidato e transmitir o que escutaram ao júri que confirmará ou não se ali deu-se uma análise. Cabe ao passante falar sobre sua experiência de análise aos passadores e estes, em um segundo momento, falarão do que escutaram do passante para o júri que irá então confirmar ou não que ali houve uma análise, ou seja, que ao final daquela análise o sujeito passou à posição de objeto.

No Movimento Freudiano, no que diz respeito à passagem de *gradus*, a candidatura cabe àquele que assim o deseja. Tal candidatura é apresentada à instância responsável pelo funcionamento da Escola (outrora ocupada pelo Cartel de Garantia e atualmente pela reunião dos analistas da Escola). Tal instância escuta a demanda do candidato e propõe um encaminhamento ao pedido.

Do se fala numa passagem de *gradus*? Como cada passagem é uma, podemos dizer basicamente que o de que se trata é sobre a posição do candidato com respeito à sua análise e à sua *práxis*. O que está em jogo é testemunhar o percurso de um sujeito em seu trilhamento em direção ao desejo do analista, à possibilidade de se sustentar no discurso do analista, à possibilidade de se conduzir uma análise.

No dispositivo de Lacan, temos alguma ideia do que seria o fim de uma análise: a destituição subjetiva e a queda como resto a ser retomado como objeto *a* no engendramento de uma análise nesta nova posição. Na passagem de *gradus*, não miramos no fim de análise tal como elaborado por Lacan, mas sim nas possibilidades que se abrem ao sujeito de poder fazer circular os discursos, podendo ao menos, por vezes, estar na posição de agente no discurso do analista. Muito provavelmente as questões subjetivas ainda vão aparecer, mas a continuidade do controle, da análise, do trabalho em cartel vai balizar o prosseguimento da formação na psicanálise. Deste modo, uma questão de análise promotora de uma retificação subjetiva pode ser o gatilho para uma mudança de *gradus*. Cabe ao candidato poder falar disso aos

passadores. Trata-se, como disse anteriormente, de uma passagem de análise de transferência à transferência de trabalho.

No Movimento Freudiano o modo de encaminhamento dos pedidos de passagem de *gradus* tem variado. Podemos dizer que a estrutura da passagem tem se mantido a mesma (passante, passadores e júri), mas o processamento da passagem e os ocupantes das funções da tal estrutura se modificam a cada passagem.

Vejamos rapidamente as quatro últimas passagens de *gradus* que experimentamos:

**1- Passagem de cursista a analista praticante: iniciada em 24/03/2009, realizou-se nos dias 19, 26 e 28/01/2010.**

Diante do pedido da candidata, o Cartel de Garantia propôs o seguinte encaminhamento: dois membros analistas foram indicados como passadores - um pela livre iniciativa da candidata e um outro, também escolhido por ela, mas a partir de uma lista tríplice apresentada pelo Cartel de Garantia. O júri foi composto pelos outros analistas da Escola. A plateia, ocupando o lugar de morto, foi composta pelos participantes da Escola e convidados da passante.

A partir das escolhas feitas, o processo de passagem foi elaborado conjuntamente pelos passadores e pela passante (quantos e como seriam os encontros e o que seria apresentado à Escola). Foram então agendados três dias de trabalhos para a passagem propriamente dita: no primeiro tivemos as falas dos passadores sobre o que escutaram em seus encontros com a passante; no segundo tivemos a apresentação de um memorial composto pela trajetória da passante sobre seu percurso na psicanálise e também a apresentação de um caso clínico; e no terceiro tivemos as manifestações do júri sobre o que foi escutado e, na sequência, um debate com todos sobre a experiência da Escola nesta passagem.

**2- Passagem de cursista a analista praticante: iniciada em 18/08/2009, realizou-se em 05 e 12/06/2010**

Diante da demanda, o Cartel de Garantia convocou a candidata a apresentar inicialmente ao Cartel um memorial sobre sua trajetória; além disso, também um testemunho como analista apresentando um caso clínico para a Escola, momento em que falaria sobre sua análise.

Três meses depois, ocorreu a apresentação do memorial ao Cartel de Garantia. Decide-se então o próximo passo. A passagem se completaria em duas apresentações públicas à Escola: um dia para apresentação do memorial e de um caso clínico; um segundo dia para as manifestações públicas do Cartel de Garantia, e, em sequência, para as manifestações dos analistas presentes.

Nesta passagem, o Cartel de Garantia funcionou como passador e como júri. Os analistas da plateia que em um primeiro momento ficaram no lugar do morto, num segundo momento tiveram franqueada a palavra.

### **3- Passagem de cursista a analista praticante: iniciada em 03/09/2013, realizou-se em 10/12/2013**

A partir do pedido da candidata, tivemos o seguinte encaminhamento do Cartel de Garantia: dois membros analistas deveriam ser indicados como passadores - um pela candidata e um pelo Cartel de Garantia. Escolhidos os passadores, os três (passante e passadores) decidiram como seria feita a passagem: a passante falaria aos passadores sobre sua análise e sua clínica e estes transmitiram ao júri numa sessão pública o que escutaram da passante. O Cartel de Garantia desempenharia a função de júri emitindo após as apresentações dos passadores seus respectivos votos justificados. À plateia coube o lugar de morto.

### **4- Passagem de cursista a analista praticante: iniciada em 06/05/14, realizou-se em 05/12/2015**

Tendo recebido o pedido do candidato, o Cartel de Garantia engendrou o seguinte encaminhamento:

I- Formação de um cartel de formalização da passagem composto por membros da Escola escolhidos pelo candidato; tal cartel deveria encaminhar a passagem de *gradus* e a cada membro do cartel caberia produzir um trabalho escrito a este respeito (o que é a passagem deste candidato neste momento para a Escola?); o *mais-um* deste cartel seria o produto escrito; este cartel deveria trabalhar no mínimo por 1 ano e desempenharia a função de passador no processo.

II- Em sequência, formou-se outro cartel para realizar a passagem propriamente dita. Os membros deste cartel foram escolhidos da seguinte forma: um analista indicado pelo Cartel de Garantia, um pelo cartel de formalização e um pela assembleia geral da Escola. Tal cartel teria a função de júri.

Entretanto, após alguns percalços – o segundo cartel se dissolveu antes de concluir seu trabalho – o Cartel de Garantia encaminhou a passagem para acontecer em uma sessão única pública com o sorteio de três analistas como júri que escutaram o que os passadores tinham a dizer sobre o que escutaram. A plateia composta pelos participantes da Escola ocupou o lugar do morto.

Vale ressaltar que encerrada esta passagem de *gradus*, alguns participantes da Escola que estavam na plateia, no lugar de morto, solicitaram uma reunião com todos para poder debater questões que surgiram durante o processo de passagem.

Curiosa constatação a de que as quatro últimas passagens de *gradus* foram de cursistas a analistas praticantes. Eis uma questão a ser pensada pela Escola: por que não tem surgido a demanda de mudança de *gradus* para membro analista ou para analista da Escola? Só quando nos debruçamos sobre os registros nos damos conta de situações que nos escapam a atenção.

De alguma maneira o dispositivo de passagem de *gradus* vem mostrando seus efeitos. Como saldo destas quatro últimas passagens, tivemos a criação de dois novos espaços de discussão na Escola por iniciativa e coordenação de dois dos recentes analistas praticantes: Psicanálise e/ou Psiquiatria e Psicanálise&Arte . Um outro recente analista praticante passou a ocupar uma função de controle da prática clínica de um dos projetos clínicos que a Escola sustenta - atendimento num asilo e numa escola de ensino médio. Lacan já dizia em seu Ato de Fundação da Escola que “o ensino da psicanálise só pode ser transmitido de um sujeito a outro pela transferência de trabalho”. O percurso de cada um dos recentes analistas praticantes, suas questões transferenciais, suas práticas clínicas, desembocaram nestes espaços de discussão e elaboração que indicam uma nova posição frente à transmissão da psicanálise.

Quanto ao quarto recente analista praticante, este não se sustentou mais em nenhuma posição na Escola: abandonou sua formação em psicanálise. O que esteve em jogo nesta insustentabilidade fez-se como questão à Escola.

Mas não foi somente nesta situação que a passagem de *gradus* faz questão: a cada passagem diferentes questões brotam à Escola: são os mal-estares que se presentificam nestes momentos; são os restos de análise, traços de narcisismo, inibições, sintomas e angústias que marcam presença. Cada uma das passagens acima citada colocou questões ao seu modo sobre estas temáticas. Se a Escola é lugar de descanso, cabe-nos trabalhar a partir disso, tomando estes restos como propulsores ao trabalho de transferência.

Enfim, continuamos a nos perguntar: o que é uma Escola? O que é a transmissão? O que é o desejo de analista?

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

LACAN, J. “Ato de fundação” IN *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. pp. 235-247.

\_\_\_\_\_. “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” IN *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. pp. 248-264.